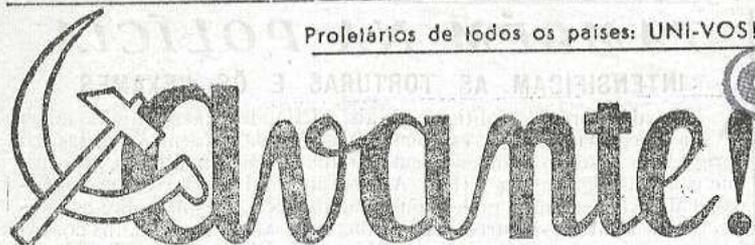


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A VIDA DE QUASE 200 PRESOS

EM PERIGO!

Os presos da Fortaleza de Peniche estão isolados do mundo exterior, não têm visitas nem correspondência! Ninguém sabe o que se passa em Peniche. O silêncio das autoridades fascistas não abafa porém as trágicas perguntas que percorrem o País:

ANTÓNIO DIAS LOURENÇO FOI ASSASSINADO?

QUE FIZERAM DE JOSÉ BERNARDINO?

Impõe-se que todos os portugueses tomem posição!

Exigi resposta para aquelas dramáticas perguntas!

A alarmante notícia corren Portuguesa de lés a lés: António Dias Lourenço teria sido assassinado na fortaleza de Peniche, onde cumpria pena. Por outro lado, José Bernardino teria sido isolado dos seus companheiros e também dele nada se sabe. Cerca de 200 presos políticos ficaram completamente isolados do mundo exterior: as visitas proibidas, a correspondência suspensa. As famílias em vão se dirigem à fortaleza e às autoridades: ninguém lhes responde. Questionados sobre o assassinato, ninguém o nega nem confirma.

Esta a situação em Peniche. Bastaria o isolamento total da fortaleza para nos inquietarmos. Com efeito, cada vez que isso sucede, acontecimentos graves ali decorrem. Ainda em Maio do ano passado, quando o ministro da Justiça fascista Antunes Varela ordenou esse isolamento, estavam os presos a ser barbaramente espancados. Quando as visitas recomeçaram, ainda eram bem visíveis as equimoses em António Dias Lourenço, José Bernardino, José Rolim e tantos outros.

De novo o Varela ordena o silêncio. De novo os serviços prisionais recusam informes do que se passa em Peniche. Por isso um grande grito de alarme se ergue no País e atinge já o estrangeiro, onde os principais jornais progressistas se fizeram eco da inquietação enorme do povo português.

Que se passa com Dias Lourenço? É sabido o ódio do fascismo a este heróico combatente anti-fascista. Membro do secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português à altura da prisão, foi desde jovem ardente lutador, excelente organizador, duma fidelidade total à classe operária, aos trabalhadores e ao seu Partido. Perante a polícia foi sempre um corajoso militante disposto a dar a vida para não atrair a confiança dos seus camaradas. Submetido às piores torturas, o seu comportamento foi sempre heróico e serve de exemplo a todos quantos prezam a sua honra e o seu nome de comunistas. Nesta última prisão, 6 meses de tortura depararam sempre com o lutador que onde quer que esteja põe acima de tudo o Partido. O ódio

dos fascistas cresceu, por isso, ainda mais; e ao ser enviado para Peniche, logo ali começou a ser alvo de provocações e de atentados por parte daqueles que em 1954 o tinham visto fugir da cadeia, altas horas da noite, lutando contra as vagas enormes que o arremessavam contra as rochas e acabaram por o deixar sem forças na praia. Nos primeiros meses de 1964, sob a direc-

ção do ministro Varela, do director Falcão e do chefe dos guardas Victor Ramos, uma avalanche de medidas desumanas e aviltantes, acompanhadas de provocações, de castigos e de violências físicas desabou sobre os presos. Dias Lourenço de novo foi um dos mais visados.

E agora surge o seu desaparecimento, a notícia do seu assassinato. E novas violências sobre José Ber-

nardino e outros presos. E o isolamento total da fortaleza do terror. As famílias, os amigos, todos os democratas, o povo português, têm razão para se inquietar e exigir que seja esclarecido o que se passou e se passa em Peniche.

Todos os homens e mulheres de coração têm obrigação de enviar ao ministro Varela, ao director do Forte de Peniche, à Presidência da República, uma carta ou um telegrama a exigir que se ponha termo a situação reinante em Peniche, que se saiba onde pára Dias Lourenço e o que se passa com J. Bernardino, que sejam libertados os presos políticos.

O apelo de Amnistia que foi lançado por mais de 100 personalidades e que uma Comissão Nacional apelou recentemente para que fosse assinado «PORTODOS OS PORTUGUESES SENSÍVEIS À VIOLÊNCIA E À DESUMANIDADE DO REGIME PRISIONAL» é uma arma poderosa nas mãos do povo português. Que todos o assinem e divulguem e façam assinar.

Que as estradas e as paredes se enchem de inscrições: Amnistia! Amnistia! Abaixo a PIDE! Abram-se as portas de Peniche e de Caxias! Liberdade para os presos políticos!

Obriguem os governo fascista de Salazar a vir a público explicar (continua na 3ª pág.)

APOIAI O APELO

da Comissão Nacional Pró-Amnistia

Apelamos para que todos os portugueses sensíveis à violência e desumanidade do regime prisional a que estão submetidos os detidos políticos apoiem a presente exposição, levando assim aos que se encontram presos o calor da nossa simpatia e a esperança numa libertação próxima.

Lisboa, 20 de Abril de 1965

SOFIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, POETISA
ADELINO DA PALMA CARLOS, PROFESSOR DE DIREITO
JAIME CELESTINO DA COSTA, PROFESSOR DE MEDICINA
JOSÉ RÉGIO, ESCRITOR
LUÍS FRANCISCO REBELO, ADVOGADO
RAUL REGO, JORNALISTA

E OS FAMILIARES DE PRESOS POLÍTICOS: ALICE SENA LOPES, ÂNGELA PESTANA, CÂNDIDA LINDIM RAMOS, FLORA MAGRO, MARIA HELENA BLANQUI TEIXEIRA.

assinai o Apelo Nacional de Amnistia!

Senhor Presidente da República
Excelência

As prisões políticas são no nosso país um gravíssimo problema. Em face da sua moral e da sua cultura, a maioria dos portugueses não pode aceitar que as diferenças de opção política sejam transformadas em crime. Sabemos que toda a moral parte do livre arbitrio. Pelo menos assim é na civilização a que pertencemos. As prisões políticas roem e abalam a nossa cultura nos seus fundamentos éticos e intelectuais. E roem e abalam também a unidade da Nação Portuguesa. Criam um clima de intransigência, fanatismo e perseguição que impossibilita todo o diálogo. São um acto actual de violência e uma semente de futuras violências. Uma pátria é o lugar onde somos livres. Infelizmente vemos que, no momento presente, muitos são os Por-

tugueses que escolhem o exílio como quem escolhe a liberdade.

Os presos políticos são homens que, de acordo com a sua consciência, lutaram por um ideal. Um ideal não é um delito, a consciência e o pensamento não são crimes. Aqueles que são capazes de lutar por um ideal são sempre a elite de um país. E, de facto, pelas prisões do actual regime têm passado todos os sectores do pensamento: católicos, ateus, monárquicos, republicanos, democratas, socialistas, comunistas. E pelas prisões do actual regime têm passado sacerdotes, escritores, poetas, artistas, historiadores, sociólogos, economistas, médicos, militares, advogados, engenheiros. E pelas mesmas prisões têm passado centenas de operários, de trabalhadores rurais e de pescadores. Será difícil medir todo o prejuízo que as

(continua na 2ª pág.)

ÚLTIMA HORA

Já na tipografia, chega-nos a notícia de que a situação actual na fortaleza de Peniche não seria tão grave quanto é descrita no artigo acima e que o camarada Dias Lourenço se encontra ali VIVO. Impossibilitados de confirmar esta informação, revelamo-la com todas as reservas e contamos esclarecer completamente o caso no próximo número.

Impõe-se, porém, o máximo da vigilância por parte de todos os democratas e, em primeiro lugar, de todos os militantes e simpatizantes do Partido. Enquanto estiverem no antro de Peniche, as suas vidas correm perigo. Unamo-nos na luta contra a repressão e contra o ambiente de negra provocação de Peniche. Lutemos resolutamente por Amnistia.

TRIBUNAIS? JUSTIÇA? NÃO!

fascismo sem máscara!

Depois da derrota do nazismo, Salazar, entre outras « adaptações democráticas » que fez, deixou de « julgar » sumariamente os democratas que a PIDE prendia e instituiu os Tribunais Plenários. As sentenças continuaram numa maneira geral a ser ditadas pela PIDE mas Salazar descobria o seu ódio à democracia por detrás de 3 marionetes denominados juízes que ele e os seus Pides manejavam à vontade.

Os juízes levaram anos a encobrir este jogo. Mas agora a repressão é enorme. Calcula-se a 16 por dia o número de democratas presos em 1964, dos quais cerca de 2 por dia passavam pelos Plenários que já não podiam funcionar segundo as fórmulas legais estabelecidas, tanto tinham que fazer. Resolveram por isso, primeiro criar um Plenário auxiliar, em Lisboa, depois estender a área abarcada pelo do Porto até Leiria. E finalmente, deixaram-se de temores e, perdidos por cem, perdidos por mil, deitaram fora as máscaras de juízes e mostraram-se os agentes policiais que são. Assim, no julgamento do camarada Américo de Sousa, em Lisboa, prescindiram da presença do réu! Interrogados pelo advogado de defesa declararam que o réu não ia lá fazer nada e mandaram prosseguir. O advogado recusou-se a defender nessas condições, e eles ditaram a sentença! Foi rápido! A PIDE pode aumentar o número dos que manda a julgamento que os tais agentes « juízes » despacham tudo depressa e bem para o fascismo!

Ainda perdurava na opinião pública democrática a surpresa dum tal procedimento do Plenário de Lisboa e já o do Porto adoptava o mesmo processo, prescindindo do jovem Drago, e ia mais longe na farsa. Com o camarada Drago foram a tribunal dois pequenos proprietários da região de Aveiro. Os « juízes » concluíram que eles não pertenciam ao PCP e que não haviam portanto praticado os « crimes » de que a PIDE os acusava. Apesar disso resolveram que aqueles 2 homens eram « perigosos » e condenaram-nos a « medidas de segurança » por períodos de 6 meses a 3 anos de prisão, prorrogáveis! Também aqui a PIDE está bem servida; pode mandar para a cadeia toda a gente que quiser que encontrará um « juiz » à altura de a condenar mesmo sem qualquer prova de « crime »: bastará olhar o réu e dizer — você tem cara de quem pode vir a ser membro do PCP, dou-lhe por isso « medidas de segurança »!

Tribunais que nem precisam de ouvir os réus para julgar ou que julgam, não pelos crimes mas pela possível perigosidade dos réus, eis aí que se reduziram os Plenários. Contra esta farsa judicial devem levantar-se todos os democratas, todos os homens e mulheres de coração, todos os advogados dignos desse nome. O « Avante! » denuncia perante a opinião pública nacional e mundial estes novos atentados à justiça e aos direitos do homem e apela para os juristas nacionais e os juristas de todo o mundo a agir contra tais violações das leis e em favor dos comunistas, dos socialistas, dos republicanos, dos católicos, dos jo-

vens e das mulheres com ou sem partido, dos grevistas e doutros defensores dos direitos do homem e das liberdades democráticas que foram julgados ou estão para o ser por estes tribunais plenários.

Aliamos esta luta à luta contra as famigeradas « medidas de segurança »!

Aliamos esta luta à luta pela Amnistia de todos os presos políticos!

ASSINA! O APELO DE AMNISTIA!

(continuação da 1ª pág.)

prisões políticas causaram à actividade criadora e ao crescimento do país, de toda a desgraça e desordem que lançaram no meio de inúmeras famílias onde as crianças foram educadas sem paz, sem pai e sem mãe.

X X X X X X X X X X

Na impossibilidade de citarmos os nomes de todas as pessoas que já assinaram este apelo, destacamos os seguintes: professores Adelino da Palma Carlos, Fernando da Fonseca, Jaime Celestino da Costa; escritores Urbano Tavares Rodrigues, Sofia de Mello Andresen, Santos Fernandes, Rogério de Freitas, Rogério Fernandes, Orlando Costa, Marta Cristina Araújo, Maria de La Salette Tavares, Maria Helena Costa Dias, Manuel Mendes, Sttau Monteiro, José Tengarrinha, José Régio, José Gomes Ferreira, Fernandes Fafe, Cardoso Pires, J. Augusto França, J.J. Coehofel, Gaspar Simões, Jacinto Baptista, Isabel da Nóbrega, Fidelino Figueiredo, Fiamma H.P. Brandão, Ferro Rodrigues, Ferreira de Castro, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Bernardo Santareno, Augusto Costa Dias, Augusto Abelaira, Antunes da Silva, Alves Redol, Álvaro Salema, A. Pinheiro Torres, Alexandre Cabral, Alberto Ferreira, Papiniano Carlos; Advogados Alçada Baptista, António Macedo, Araújo Correia, Arlindo Vicente, Adão e Silva, Armando Bacelar, Arnaldo Mesquita, A. Cunha Leal, Carlos Cal Brandão, Coelho dos Santos, Contente Ribeiro, Duarte Turras, Duarte Vidal, Eurico Ferreira, Abranches Ferrão, Fernando Lopes, Mayer Garção, Eduardo Fernandes, Salgado Zenha, Sousa Tavares, Gustavo Soromenho, Heliodoro Caldeira, Sousa Castro, José Alberto Rodrigues,

Nesta triste situação, que pesa no espírito de todos os portugueses informados e lúcidos, impõe-se que, V. Ex.^{ca}, usando dos poderes que a Constituição lhe confere, promova uma amnistia geral a todos os presos políticos.

Magalhães Godinho, Martins da Fonte, Paradel de Oliveira, L. António Ferro, Luís Francisco Rebelo, Luís Saias, Mário Cal Brandão, Mário Soares, Nuno Rodrigues dos Santos, Olívio França, Orlando Juncal, T. Carvalho dos Santos, Vilhena de Andrade, Xencora Camotim; actores Rogério Paulo e Costa Ferreira; oficiais das forças armadas coronel Pereira Botelho, coronel Manuel Pestana, general Ferreira Martins, coronel Blanqui Teixeira, oficial Lúcio Campos Martins, capitão Mimoso Serra, almirante Júlio Freire Oliveira, comandante Moreira de Campos, almirante Mendes Cabeçadas, capitão Costa Pereira, capitão Medeiros de Almeida, oficial Cunha Aragão, coronel Heder Ribeiro; médicos Dias das Neves, Abílio Mendes, Armando Cotta, Armindo Rodrigues, Carlos Pereira, Maldonado Freitas, Bandeira de Lima, Hermínio Paciência, Aresta Branco, Castro Monteiro, Guedes Pinheiro; e ainda Alice Jorge (pintora), Artur Ramos (cinasta), Sá Cardoso (eng.^o civil); jornalistas Carlos Ferrão, Prazeres Ferreira, João Maia, Manuel de Azevedo, Teixeira Neves, Egídio Namorado (cientista), Flávio Martins (eng.^o), Lino Netto (eng.^o), Hernâni Gandra (arquitecto), Gaspar Teixeira (cientista), Galvão Teles (arquitecto), Maria José Marinho, N. Teotónio Pereira (arquitecto), Vieira de Almeida (arquitecto), Virgínia de Moura (eng.^o) e Cunha Leal, antigo presidente do Concelho.

RECTIFICAMOS...

No nº. 357, de Julho de 1965, saíram algumas gralhas importantes, de que pedimos desculpa e desejamos aqui rectificar. Assim, na pág. 3, quer na mensagem ao povo da República Dominicana, quer no telegrama ao Presidente Makários, onde se fala de 19 Partidos deverá ler-se 18. Com efeito, embora tendo estado presentes na Conferência 19 Partidos, só 18 subscreveram aqueles documentos, pois o P.C. da Holanda não os assinou.

Na pág. 1, onde se lê na Declaração do camarada Álvaro Cunhal « num terreno democrático a luta contra a opressão capitalista » deve

ler-se: « num caminho democrático e de opção socialista ». Além disso, o começo da Declaração é: « Nós, portugueses, »

Cumpra ainda rectificar que, por erro de paginação, um quadro com um resumo de lutas contra a repressão que devia ter saído ao alto da 2ª página, 3ª coluna, saiu indevidamente numa edição deste número no canto inferior esquerdo da 4ª página.

NÃO DESTRUAS O « AVANTE! »
DÁ-O A UM COMPANHEIRO
DE TRABALHO

TAMBÉM NA POLÍCIA

INTENSIFICAM AS TORTURAS E OS VEXAMES

A vida dos presos políticos, a sua integridade física, está em perigo logo desde o momento em que caem nas garras da PIDE. A partir daí, tudo de mau pode acontecer nesses antros sinistros. Assim tem sucedido sempre. Assim está sucedendo uma vez mais com 6 patriotas presos em Abril na Margem Sul do Tejo e entre os quais se conta o destacado militante e funcionário do nosso Partido, Domingos Abrantes Ferreira.

Usando os seus processos habitu-

ais, a PIDE tem-lhes infligido maus tratos de toda a ordem. As visitas dos familiares são dificultadas, as torturas são contínuas e os vexames inqualificáveis. Mesmo sobre as mulheres se ataca e cai a sanha dos esbirros da PIDE. Maria Rodrigues Matos, presa com Domingos Abrantes, foi colocada nua durante os interrogatórios sem lhe darem sequer a menor possibilidade de higiene quando lhe surgiu a menstruação, o que a levou a adoecer imediatamente.

Sobre Domingos Abrantes, que já anteriormente estivera preso comportando-se dignamente frente aos torturadores da PIDE e aos juizes fascistas e se evadira da cadeia de Caxias em Dezembro de 1961, cai igualmente o ódio dos fascistas. Este patriota corre, pois, grande perigo.

Denunciando o tratamento desumano que lhe está sendo aplicado, assim como a Maria R. Matos, Eduardo Pires, Maria Glória Simões e seus companheiros de prisão, apelamos para que a Domingos Abrantes e a seus companheiros seja prestada toda a solidariedade. Há que protestar contra os maus tratos de que estão sendo vítimas.

« AVANTE! »

34 anos de luta

Apesar das dificuldades e dos esforços desesperados da PIDE para o impedir, o « Avante! » continua a cumprir regularmente a sua missão de esclarecimento, de agitação e de organização.

O que a imprensa amordaçada pela censura não diz, encontra o povo no « Avante! »: as notícias das suas lutas; a defesa dos seus interesses; a denúncia dos roubos e das prepotências de que é vítima; o desmascaramento das falcatruas, das mentiras e dos crimes do fascismo; a verdade sobre as guerras injustas que o governo move contra os povos coloniais; a divulgação dos êxitos dos povos que constroem o socialismo e o comunismo. Nas suas colunas, encontra o povo esclarecimento para as suas dúvidas e o caminho a seguir na luta pela instauração da democracia.

Entrando no 35º ano, o « Avante! » comemora com o presente número 24 anos de publicação regular, o que representa uma importante vitória do Partido Comunista e do povo português.

No seu aniversário, o « Avante! » recorda com saudade todos os seus obreiros mortos ao serviço do Partido, e saudade todos os trabalhadores portugueses, os camponeses, os estudantes e os intelectuais progressistas, incitando-os a prosseguir sem desfalecimento nas suas corajosas lutas pelo pão, pela paz e pela democracia.

Simultaneamente o « Avante! » apela a todos os seus leitores para uma colaboração mais estreita, fundamentada e regular. Se o « Avante! » receber os vossos artigos, informações, críticas e sugestões será além dum a voz não amordaçada uma voz mais moça, mais combativa, mais de acordo com o papel que lhe cabe na divulgação do marxismo-leninismo actual e no combate energético e constante contra o fascismo, pela democracia e pelo socialismo.



AINDA O 1º DE MAIO

A VITÓRIA DUMA REIVINDICAÇÃO EM S. PEDRO DA COVA

Além da agitação que se realizou dentro e fora do PORTO, realizaram-se vários manifestos de 2 ou 3 dezenas de trabalhadores, tendo num deles havido uma confraternização entre trabalhadores e intelectuais. Foi também muito fútil o aparecimento de grande quantidade de agitação dentro da grande empresa da Senhora da Hora.

Mas o facto que encheu de contentamento os trabalhadores desta região norte foi a inauguração em S. Pedro da Cova de um posto dos Serviços Médico-Sociais há anos reclamado pelo povo trabalhador desta populosa freguesia do concelho de Gondomar.

Esta era uma aspiração e uma necessidade premente pela qual há anos os milhares de trabalhadores ali residentes vinham

lutando por meio de abaixo-assinados, protestos e concentrações na sede dos Serviços Médico-Sociais do Porto.

Pela sua persistência e pela sua unidade combativa, o povo trabalhador de S. Pedro da Cova venceu, e ficou um exemplo para as populações de tantas outras terras onde falta, a bem dizer, de tudo. Para o próprio povo de S. Pedro da Cova é um estímulo para a luta por outros melhoramentos os cuja falta ali se faz sentir (água canalizada e lavadouros públicos) e de há muito são também reclamados.

No dia 1º de Maio o povo de S. Pedro da Cova fez daquela inauguração o centro da sua alegria e das suas discussões para a organização da luta por novos melhoramentos.

APRESENTAÇÃO DE REIVINDICAÇÕES NAS EMPRESAS

Sabemos que em muitas empresas foram no próprio dia 1º de Maio apresentadas ao patronato as reivindicações dos operários. Assim aconteceu, por exemplo na fábrica de adubos da Póvoa de Santa Iria, empresa associada da CUF, em que uma Comis-

EM ALMADA

Embora não tivesse havido uma perliceção geral registaram-se inúmeras faltas ao trabalho nas fábricas metalúrgicas, de cortiça e na própria construção civil. Além disso tanto em Almada como na Cova da Piedade verificou-se o aparecimento de muita agitação.

TAMBÉM EM ERMIDAS

As tradições de luta desta localidade também não esmoreceram. Por todo o lado muita agitação e inscrições davam as palavras de ordem do Partido. E no 1º de Maio a grande maioria dos trabalhadores fez «cera».

A LUTA DOS BACALHOEIROS

Já o ano passado os pescadores tinham feito na Terra Nova uma reunião magna em que tinham decidido apresentar as suas reivindicações antes de se matricular para a campanha deste ano. Decidiram e fizeram-no. Todos se recusaram matricular nas condições anteriores e pediram aumentos que representavam para os armadores 25.000 contos de aumento de encargos. O Grémio só se mostrou decidido a conceder 5 mil contos. Os pescadores resistiram mas a PIDE fez recuar os de Matosinhos e Ilhavo. Na Fuseta, porém, cerca de 200 pescadores negaram matricular-se mesmo sob a ameaça da PIDE de Faro. Esta resolveu então prender 4 pescadores. Foram porém centenas as mulheres que se aliraram aos agentes que tiveram assim de os libertar e de prometer que não os prenderiam mais que era preciso irem à sede fazer declarações.

Os pescadores na PIDE mantiveram-se firmes, o mesmo fazendo diante de um alto funcionário da Corporação da Pesca que também não convenceu os pescadores. Foi então que os armadores, um a um, isoladamente, foram prometendo conceder prémios de pesca que não constam no contrato. Já no Norte tinham feito o mesmo. Por isso todos os pescadores da fuseta, Ilhavo e Matosinhos se matricularam. Que se todos os armadores têm estado a pagar os prémios, o que, sendo uma melhoria para os salários dos pescadores, não é a vitória a que aspiravam e por que pensam de novo bater-se na próxima campanha.

A VIDA DE QUASE 200 PRESOS EM PERIGO!

(continuação da pág. 1)

o que se passa em Peniche e a aceitar um inquérito de juristas internacionais à situação prisional.

Apelemos a ONU, a Liga Internacional dos Direitos do Homem, as associações internacionais de Juristas a enviarem a Portugal comissões de inquérito à situação na fortaleza de Peniche, em Casias, etc. É preciso conhecer a verdade sobre o assassinato do grande

patriota António Dias Lourenço!

Que por todo o nosso Portugal se erga tão forte o clamor de Amnistia que o Mundo nos ouça e apoie e o fascismo seja obrigado a ceder à pressão popular nacional e internacional.

Amnistia! Amnistia! Amnistia!

Abaixo a repressão!

Fora com a PIDE!

Abaixo o fascismo!

PEQUENOS E MÉDIOS CAMPONESES

defendei os vossos interesses

A direcção da luta pelos interesses e pela resolução dos problemas que atormentam os pequenos e médios camponeses é a estes que pertence. Os grandes lavradores e latifundiários têm interesses muito diferentes dos seus; não vivem só da agricultura. Têm cotas nas grandes empresas industriais; são donos de grandes prédios de rendimento; fazem parte dos concelhos de administração dos bancos, de que são grandes accionistas e onde auferem ordenados e lucros fabulosos, ali conseguindo empréstimos em condições que aos pequenos são negados. São um dos pilares onde se apoia o governo fascista, que para os servir explora e sacrifica cada vez mais os trabalhadores e os pequenos e médios camponeses. Têm assento na Assembleia Nacional e na Câmara Corporativa; são chamados a participar no governo e estão à frente dos organismos que controlam e dirigem a agricultura. Quando se reúnem e reclamam, os grandes lavradores não estão de maneira nenhuma a lutar contra o fascismo, que apoiam e que os serve. Eles não lutam contra o governo, antes reclamam do SEU GOVERNO um maior quinhão na divisão do rendimento nacional.

Os grandes sacrificados do campo são os assalariados agrícolas e os pequenos e médios camponeses.

Não confieis, pois, nas mãos dos grandes a defesa dos vossos interesses e a resolução dos problemas que vos atormentam. Não espereis tampouco que o governo se preocupe com a vossa sorte. O governo fascista é o governo dos grandes. Para servir estes, tudo faz para acabar com os pequenos. Ele fará no campo o mesmo que tem estado a fazer na indústria. Todas as suas leis se destinam a facilitar e a apressar a concentração da riqueza nas mãos dos grandes. A outra coisa não visa a lei sobre emparelamento rural.

Sómente um governo democrático empreenderá a resolução dos problemas da agricultura que, segundo o projecto de Programa do Partido Comunista Português se fará, realizando a reforma agrária, expropriando os grandes senhores da terra e entregando esta a quem a trabalha; assegurando trabalho e garantindo salários que permitam uma vida desafogada aos assalariados agrícolas; concedendo créditos a baixo juro aos que dele necessitem; baixando os impostos aos pequenos, num sistema de contribuições progressivas; fornecendo auxílio técnico e pondo ao serviço da agricultura as vantagens da mecanização; abolindo as formas de exploração feudal que ainda hoje se verificam no campo, como foros e parcerias; impondo uma política de rendas baratas; abolindo as dívidas anteriormente contraídas às instituições de crédito e aos usurários; garantindo preços compensadores e venda assegurada para os produtos agrícolas. Sómente um tal governo terá em conta os vossos interesses. Sómente um tal governo deve ter o vosso apoio. É por um tal governo que deveis lutar, actuando contra o fascismo, contra o actual governo dos gran-

des e explorador dos pequenos. Para isso, deveis organizar-vos e agir.

Nas reuniões convocadas pelos grandes proprietários e capitalistas do campo, não deveis permitir ser apenas assistentes, não deveis deixar aqueles a elaboração de petições e exposições, nem o exclusivo da participação nas comissões. Deveis exigir que nos documentos aprovados sejam inseridas as vossas aspirações, deveis exigir a vossa participação nas comissões.

Mas isso não é suficiente. Deveis organizar as vossas próprias reuniões; deveis elaborar as vossas próprias reclamações; deveis eleger as vossas próprias comissões; deveis actuar independentemente; deveis dirigir-vos às autoridades e exigir ser atendidos. Deveis unir-vos e lutar. Deveis tomar nas vossas próprias mãos a defesa dos vossos interesses; a luta pela resolução dos vossos problemas. Organizai-vos e lutai!

exemplo a seguir

POR TODOS OS CAMPONESES

Mais do que desprezar os interesses dos produtores agrícolas o governo fascista sobrecarrega-os constantemente, quer permitindo a subida dos produtos industriais de que a lavoura necessita, quer decretando novos impostos directos ou indirectos, que lhe permitam fazer face às crescentes despesas militares com a sua participação no agressivo Pacto do Atlântico e as criminosas guerras coloniais.

Contra tudo isso devem os camponeses lutar unidos, tal como o fizeram este ano os viticultores da região dos vinhos verdes contra a taxa de \$15 que a Comissão de Viticultura lhes pretendia cobrar a pretexto de que, por falta de procura por parte dos comerciantes, aqueles resolveram vender directamente ao público o vinho da sua produção. Em massa, os viticultores recusaram pagar a escandalosa taxa. A questão foi para tribunal e teve o seu desfecho em fins de Julho. O Tribunal da Relação do Porto decidiu favoravelmente aos viticultores, que obtiveram assim uma importante vitória. O pagamento da taxa foi anulado. Mas quem pagou, pagou. Só quem resistiu venceu. Esta é uma grande lição.

A unidade e a organização é o caminho para uma resistência activa contra novos impostos. E podem e devem fazê-lo já os que pagaram, reclamando com base na decisão do tribunal que lhes seja devolvido o dinheiro indevidamente cobrado.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente, das 8 às 8,30 em 25 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros; e das 24,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros. Aos domingos, emissão dedicada aos camponeses, das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.



unidade sem exclusivismos frente às próximas «eleições»

Enquanto o fascismo vai cantando a «vitória» de Américo de Deus, seu candidato à presidência da República sobre Rodrigues Tomás, anterior Presidente, e o povo explica sarcásticamente que o palhaço ficou no poleiro porque um marinho não abandona um barco quando ele está a afundar-se, a Oposição vai desenvolvendo actividades visando à apresentação de candidatos a deputados em todos os distritos do Continente.

Por estranho que pareça no entanto ainda há políticos da Oposição que defendem aberta ou veladamente exclusivismos na preparação das actividades oposicionistas e de formação de listas. Uns refugiavam-se na velha cantiga «com esses não, que estão «queimados» e podem portanto estragar o nosso trabalho». Esquecem-se que o que «queima» perante o fascismo um movimento unitário não é a participação deste ou daquele democrata mas sim o grau de intensidade e de consequência com que actua o movimento. Ora pondo de parte homens ou mulheres que normalmente emprestam aos movimentos unitários acção e firmeza, espírito de iniciativa, prestígio em certos círculos e ligação a massas, o movimento enfraquece-se perante o fascismo que, pelo contrário, aproveitando-se dessa divisão, se fortalece. Há pois que pôr de parte exclusivismos e discriminações, se se quer avançar resolutamente pelo caminho da luta unida contra o fascismo.

Outros democratas, porém, aparecem agora propondo actividades sem a participação de comunistas porque estes resolveram quebrar a unidade e apresentar candidatos próprios (!!!).

Ainda em Julho o «Avante!» incentivava à luta unida! Trata-se de cer-

to de gente que desconhece por inteiro a história dos esforços do Partido Comunista no terreno da unidade, gente que desconhece que logo na sua Introdução, o projecto de Programa do Partido afirma que este trabalha «incansavelmente para a unidade das forças democráticas e patrióticas com vista ao derrubamento da ditadura fascista».

O Partido Comunista tem uma linha independente, bate-se pela elevação da consciência política de classe, tenta atrair as massas ao Programa do Partido, mas ao mes-

mo tempo que prossegue esses seus esforços prossegue também os seus esforços para fundir num movimento único contra a ditadura fascista todas as forças políticas que se opõem a esta», como afirmou o secretário geral do Partido Álvaro Cunhal, que acrescentava no relatório «Rumo à Vitória»: «prossiguiremos sem pausas, sem fadiga, sem impaciência a tarefa de unir todos quantos queiram lutar para derrubar o governo fascista e instaurar uma ordem democrática em Portugal».

Com afirmações tão claras do Partido Comunista, inútil é querer distorcer posições. Os trabalhadores, o povo, sabem que o Partido trabalha a favor da unidade e que nada o afastará dessa linha, nem os que pretendem ser eles a conduzir exclusivamente a luta anti-fascista, nem os que pretendem secretariamente isolá-lo das restantes forças democráticas. A estes últimos já Álvaro Cunhal também respondeu naquele Relatório: «Não, não adoptaremos uma linha sectária que, a coberto da pretensão de alcançar a verdadeira «revolução» conduziria ao isolamento do Partido, à entrega efectiva de toda a direcção do movimento democrático à burguesia».

As incompreensões e erros de alguns serão vencidos pela consequência da linha do Partido quanto à unidade das forças anti-fascistas. Os comunistas são apoiados pelas massas, que compreendem e aplaudem inteiramente os seus esforços nesse sentido. Mostra a experiência doutros países «electorais», diz no Relatório «As tarefas actuais do Partido» o camarada Alexandre Castanheira, que está sido sempre marcada por uma lenta maior mobilização e acção populares, quando maior é a unidade estabelecida entre os vários sectores da Oposição anti-fascistas. O caminho é pois o que nesse relatório se indicava: «Justo é que as forças democráticas se esforcem a negociar entre si acordos, se apresentem a cooperar, directa ou indirectamente, de forma orgânica ou não».

COMEMOREMOS UNIDOS O 5 DE OUTUBRO

Foi porque se encontrava unido que o povo português conseguiu implantar a República em 5 de Outubro de 1910. Esta é uma lição que não deve ser esquecida por todos quantos hoje em Portugal desejam sinceramente o derrubamento do fascismo e a instauração da democracia.

A unidade de todas as forças progressistas é também condição básica para levar de vencida o regime que oprime e explora todas as camadas laboriosas do nosso povo.

A comemoração do 5 de Outubro deve, por isso, ser aproveitada para reforçar e alargar a unidade.

Este ano, o aniversário da implantação da República enquadra-se na campanha eleitoral para deputados à Assembleia Nacional. Uma razão mais, portanto, para ser uma grande jornada de unidade nacional contra a camarilha salazarista.

PREPAREMOS-NOS DESDE JÁ PARA A COMEMORAÇÃO DO 5 DE OUTUBRO, FORMANDO POR TODA A PARTE COMISSÕES DE UNIDADE DEMOCRÁTICA.

CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Em Maio foi publicada a nova tabela oficial dos vários tipos de carne para venda ao público. Com os novos preços, o seu consumo tornou-se ainda mais monopólio dos ricos, mormente no que respeita ao que há de melhor: lombo, vazão, carne de 1ª, rim, que tiveram aumentos de 7500 a 10500. Para as classes trabalhadoras, continua a destinar-se (malum dia de festa ou por doctiça) o que os ricos não comem: a carne de 3ª... e os ossos. Estes, foi a única coisa que não subiu. E por isso que, com desfaçatez e desvergonha, os jornais diários dizem que o aumento dos preços não afectou grandemente as classes pobres, pois o que mais subiu foi a carne de 1ª, e essa é a que já era comprada pela gente abastada (e pelos 12.000 turistas que se anuncia entrarem em Portugal diariamente). É o tal tributo que, no dizer de um senhor ministro, os ricos pagam aos pobres.

Além disso, a tabela não passa dum mistificação. Toda a gente sabe que os preços praticados são, na realidade, muito superiores aos anunciados.

Muitos outros artigos de primeira necessidade continuam também a subir. O bacalhau rareia e com frequência e embora continuem em vigor as tabelas antigas, o certo é que na maioria dos casos só se consegue a preços muito superiores, que chegam a ser de 30500 e 40500 o quilo.

Mas não é só na alimentação que a vida encarece. Os jornais diários trouxeram ultimamente a informação de que o custo da assistência hospitalar em Lisboa subiu escandalosamente. As consultas, que até aqui eram de 5500, passaram para 50500; os tratamentos no banco, subiram de 5500 para 60500 e a colocação de aparelhos de gesso, de 50500 para 200500.

Os salários, só à custa de muita luta se conseguem elevar ou manter, mas são cada vez menos suficientes para fazer face ao ilimitado aumento do custo de vida. Pois se os capitalistas até querem tirar proveito da luta dos trabalhadores para aumentar os seus já fabulosos lucros! Em resposta aos pedidos de aumento de salário, dizem os Melos da Cuf que, se for autorizada a subida dos preços dos seus produtos, aumentarão os salários. A Carris de Lisboa diz que se for autorizado o aumento dos transportes, dará aumento ao pessoal. As companhias de seguros, condicionam o aumento dos vencimentos ao aumento das tarifas. Favores dos senhores capitalistas! Pretendem dar uma sardinha a quem lhes der um cabaz delas!

Não! O aumento de salário não deve verificar-se à custa do consumidor, que é, afinal, o próprio trabalhador, mas sim pela limitação dos desmedidos lucros dos monopólios.

EM FRENTE POR AUMENTO DOS SALÁRIOS, JORNAS E ORDENADOS!

ABAIXO A VIDA CARA!

AUXILIAI O «AVANTE!» com este número sai uma separata de rubricas.

notícias do mundo socialista

AS TERRAS POLACAS DOS ODER-NEISSE

Contra o nazi-fascismo lutou ardentemente o povo polaco pagando um pesado tributo durante a guerra: mais de 6 milhões de cidadãos fuzilados, enforcados, mortos pelo gás ou nas primeiras linhas de combate, estes sobretudo durante a avançada sobre Berlim, em que 400.000 polacos participaram ao lado das tropas soviéticas; mais de 40% do património nacional destruído.

Foram aqueles soldados os primeiros polacos a penetrar nos ancestrais territórios da Polónia que a Alemanha desde há séculos ocupava sobre os rios Oder e Neisse. E em resultado de decisões das grandes potências da coligação anti-nazi, a Polónia recuperou esses territórios, hoje habitados exclusivamente por cerca de 9 milhões de polacos, dos quais perto da metade já ali nasceu.

As terras do Oder-Neisse eram antes da guerra muito pobres, não fornecendo mesmo para a indústria mais de 7% do total da Alemanha, eram constantemente despovoadas por correntes emigratórias para terras mais ricas e industrializadas, com poucas escolas e só duas universidades. A guerra,

por sua vez, deixou-as ainda mais pobres — os fortes combates e a ordem hitleriana da terra queimada

provocou a destruição sistemática das empresas e das vias de transporte, a destruição das cidades, das culturas e do gado.

Vinte anos depois a indústria e a exploração mineira têm um potencial várias vezes superior ao de antes da guerra. Os polacos reconstruíram as antigas fábricas e criaram centenas de novas grandes empresas e combinados industriais. No to-

tal mais de 28% da produção industrial polaca são hoje fornecidos pelas terras do Oder-Neisse; os estaleiros navais dão à Polónia o 1º lugar no mundo; e a agricultura ultrapassa o nível de antes de 1939; existem 22 estabelecimentos de ensino superior; etc.

Os revanchistas alemães que pretendem reconquistá-las não o conseguirão. O esforço construído dos polacos, a sua decisão de manter polacas e as terras, o apoio da República Democrática Alemã e do mundo socialista, tornaram-nos polacos para sempre.

«PROTECÇÃO» ORIGINAL DOS POVOS DE MOÇAMBIQUE

Por deliberação do governo-geral, esta colónia vai ser dotada com as seguintes prisões:

Uma prisão e uma colónia penal (campo de concentração) para presos políticos, em Lourenço Marques; 5 penitenciárias (L. Marques, Beira, Gaza, Manica e Quelimane); 3 cadeias centrais (Norte, Centro e Sul); uma cadeia comarcá em cada comarca; 2 prisões escolas (L. Marques e Beira) para menores com mais de 16 anos que tenham de cumprir «medidas de segurança» ou outras penas; uma prisão-sanatório (Manica); uma prisão-maternidade (L. Marques); uma prisão-asilo; uma prisão e uma colónia penal para criminosos de «difícil correcção»

(Gaza); um manicómio criminal; uma colónia penal agrícola para alcoólicos; uma colónia penal agrícola para mendigos e vadios; 3 internatos penais para delinquentes com menos de 16 anos (L. Marques, Beira e Quelimane).

Verifica-se assim que o fascismo, frente ao levantamento nacional dos povos de Moçambique, resolveu transformar os moçambicanos em prisioneiros numa grande e enorme prisão que é toda a colónia.

Os povos de Moçambique, porém, batem-se de armas na mão pela independência, e a liberdade africana vencerá os ideais fascistas de prisão para os povos coloniais.